

CINÉ-CRÍTICAS

OS FILMES QUE EU VI

Nó *Tivoli* em 2-7 928 apresentados por Castelo Lopes Ld.^a

Actualidades : Recomenda-se ao operadôr da «Lisbôa Filme» para não abusar do *Kinamo*, sôbre tudo com a instabilidade que se nota neste filme. Para se trabalhar por esse processo usa-se a vâscula de bola e uma máquina que não vai além de 9000 francos mas que tem a vantagem de não prejudicar a vista do espectador. Aconselho-o a ter um pouco mais de atenção para o diafragma, qualidade primordial para se fazer boa fotografia.

O Reino da Neve : 6 partes. Documentário da viagem empreendida pelo capitão Jack Robertson e Art Young á região do Alasca.

O operadôr que os acompanhou apresenta-nos fotografia muito igual, demonstrando saber manejar o diafragma da sua máquina, salvando-se, assim, dos brancos do gelo que tinha a fotografar. E' pena, que por duas ou três vezes, que não são mais, haja curtos bocados algo duros mas que passam quasi despercebidos.

A fragrância das cenas torna este filme agradável, vendo-se, desde o principio ao fim, com crescente curiosidade. Entre estas cenas, que são muitas, destacarei: A caça ao carneiro, o principio da caçada ao urso, etc...

Os últimos 40 metros deste filme são um primôr de fragrância e fotografia que a leve tintagem cor de rosa torna admiravel.

Os Cadêtes do Tsar. Filme Russo . . feito por americanos . . nos estúdios da América . .

Argumento com inverosimilhanças . Americanisses! . .

No rapto. Que foi feito do condutor de *trenó*? porque não foi prevenir o pai? . .

Será possível a cena do restaurante quando Sascha obriga Sonia a dançar com elle? A entrada no camarim? A entrada em casa dela? Creio que só na América se podem imaginar cenas assim.

Fotografia: vulgar. A partida das forças para a guerra só se percebe que é feita de noite pelo fundo negro e a iluminação das janelas, porque a luz que incide sobre as tropas que passam é a jorros não nos suggestionando com as cambiantes necessárias.

A fita está toda despedaçada, notando-se saltos em G. P. fazendo modificações bruscas nas posições dos interpretes. Citarei, entre vários, um em que Sonia vai a pôr as mãos atraz das costas, aparecendo, de salto, com elas á frente. E tantos outros que poderia citar.

Registo o G. P. aos pés de Sacha em sôbre exposição com a cabeça de Sonia, que, com boa expressão, nos sintetisa o órgão auditivo.

O desempenho muito correcto e o argumento prende a atenção do público até ao fim.

E' conveniente que Castelo Lopes Ld.^a retifique o letreiro da cena em que Sonia deve dizer que a cara de Sascha não lhe é estranha, porque da forma que está feito a frase é posta na boca deste último.

No *Cinema Contes* em 3-7-928 apresentado por Castelo Lopes Ld.^a

Actualidades : Serra da Estrêla, documentário da «Lisbôa Filme» que nos apresenta duas qualidades de fotografia. Uma, a que é feita com máquina de corda, está muito aceitavel, muito embora um pouco dura e a máquina com instabilidade que nada justifica.

A outra, feita com máquina de «prise», não tem nada que se aproveite. Os defeitos são tantos que levaria muito espaço a indicalos. Aconselho, no entanto, um pouco mais de segurança no movimento a dar á manivela, tornando-o ritmico, para que a fotografia, pela exposição uniforme, saia correcta. Os infinitos não estão puros e é nelles que mais se acentua a falta de uniformidade.

Salteadôr de Expressos : Filme de aventuras. Comboios que descarrilam, cavalos e cavaleiros que correm etc. etc.

Os salteadôres de expressos não são mais que salteadôres de comboios de mercadorias .

O argumento interessa e o espectador vê o filme com agrado

Na fotografia merecem menção as cenas feitas de noite que acusa uma boa distribuição de luz.

O desempenho homegêneo.

Somos todos irmãos : Neste filme, a que serve de esteio a conflagração europeia, pretende-se demonstrar que o ódio de creanças não tem razão de existir.

Se *Somos todos irmãos* ! porque odiar este por ser Judeu, ou aquele por ser Cristiano e ainda aquele outro por ser Protestante, Mossulmano, etc , etc ?

Não *Somos todos irmãos* !

As virtudes, o heroismo, a lialdade tanto podem existir nuns como noutros.

A encenação proficiente sem exhibicionismos escusados, e tão usuais nos americanos. A acção decorre com segurança.

A cena de Sarah Goldberg, quando levanta os braços e sae do C./M para entrar em seguida dirigindo-se ao filho quando este vai partir, está um pouco exagerada tornando-a ridicula.

De resto, todos os artistas cumprem com segurança os seus personagens.

Fotografia boa, com bons efeitos de luz.

No *Odeon* em 4-7-928 Filmes da First National. Programa Metro-Goldwyn Mayer.

O tio milionário : Uma comédia farça interessante que nos mantém num constante sorrir, provocando, por vezes, gargalhadas. Boa fotografia e ótimo desempenho por parte dos artistas . . e duma foca, não menos artista.

Encenação e montagem boa.

Um feliz divórcio : Alta comédia de enredo leve que se vê com muito agrado.

Ótima fotografia à excepção dos 2 planos geraes de Veneza que accusam falta de profundidade.

O cenário em que se realiza a festa à romana acusa a magnificência e bom gosto que é uso nos filmes americanos.

A interpretação á altura das circunstâncias.

Ha um letreiro em que o pronome está trocado, o do convite para a festa a bordo, em que a convidada é que convida o dono . . .

Será bom retificar.

No *S. Luiz Cinn*, em 6-7-928. Programa da Paramount.

Documentário : «Lisbôa Filme» na ância de fazer concorrência aos seus colegas, fornecendo o programa dos 100 metros que a lei obriga, por preços que são irrisórios (6\$00 o metro) não se importa com o brio profissional, e apresenta fitas que seriam um bem nem sairem do laboratório.

E' o que sucede com este que está todo defeituoso, cheio de impurasas, pontos negros em plena fita, e relampagos de filme velado pela máquina. E' este e outros filmes que dão origem a que os jornais do Brasil se insurjam contra as actualidades que de Lisbôa lhe mandam, como já succedeu com um intitulado «Portugal moderno», e em que apresentaram a Ribeira da cidade do Porto, que só pode ser o testemunho do nosso atrazo, não justificando o titulo pompôso que o encabeçava.

E' bom nunca esquecer o brio e dignidade profissional.

Recrutas na rectaguarda : E' para lamentar que os americanos, parecendo faltar-lhes assunto para os argumentos dos seus filmes cómicos, se sirvam dum assunto tão sério, como foi a Grande Guerra, que tantos milhares de vidas custou á humanidade,

Quereis
dinheiro
jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51

LISBOA

Telefone: N. 4020

Fotogénico, atraente, artista...

O seu sorriso cativa. É franco, aberto, uma simpatia, para as mulheres.

Delicado, postiço, para o Arquiduque.

Todos os artistas são dignos desse adjectivo, merecem-no.

A encenação dum meticuloso modo como é vulgar em filmes da mesma procedência. Tem ritmo, cadência. Não ha uma unica cena que não tenha a sua justificação, a sua razão de ser.

A fotografia d'uma uniformidade digna de elogio.

Os nossos operadores devem ver, sempre que appareçam, todos os filmes que tenham fotografia como este.

Odeon, 18-7-928. Filmes da First National. Distribuição Metro Goldwyn.

Documentário nacional produzido pela Aguia Filme. Inqualificavel.

A conquista do progresso: A eterna história dos colonos. Desta vez a realização excede todas as que tem sido apresentadas. Demonstra nos que o realisador conhece bem os efeitos a tirar desta espécie de assuntos, e como realiza los.

A dinâmica é perfeita; subjugua, impressiona, arrebatava. É daquelas que nos transporta para alem da tela, para muito longe. Faz-nos viver com os artistas.

As cenas de volteio e da diligência, em correria doida, são d'uma segurança inextinguíveis.

Ha alguns descuidos que é bom notar para, quando apparecerem filmes portugueses, se poder dizer que os estrangeiros tambem erram.

O cocheiro desaparece da boleia do carro sem se saber como.

Ken Maynard, quando, depois da luta, foge a cavallo para se juntar á caravana, vai em camisa e quando chega está todo bem vestido...

Fotografia boa. Letreiros densos.

Almas errantes: Acção intensa.

Bons artistas e bom conjunto.

Personagens episódicos bem tratados. Cenas bem imaginadas e melhor realizadas. Outras, longas em demasia, com a acção diluida em muitos metros de fita.

Doris Kenyon, com atitudes e expressões admiraveis.

Lloyd Hughes e Hobart Bosworth, muito bem.

É pena a irregularidade da fotografia que por vezes é muito dura, apresentando as caras espeelhadas.

Condes, 19-7-928. Programa Castelo Lopes

Documentario portuguez com muito boa fotografia.

Imprudência temerária: Comédia interessante

Hoot Gibson, muito bom cómico, com atitudes muito naturais. Bom conjunto.

Fotografia que frequentemente é dura, tem, no entanto, as cenas da perseguição do auto pela policia, que o trabalho de laboratório, com tintagens e viragens, tornou interessantissimas.

A mulher comprada: Um filme que merece ser visto, já pelo assunto que nele se trata, como pela forma como está realiado e interpretado.

Uma Rubens e James Kirkwood, dois artistas muito completos e de apreciaveis qualidades, graduam a sua interpretação, dando-lhes as nuances com mestria.

Fotografia boa.

As cenas de avião (panoramicas) um pouco extensas.

Olimpia, 22-7-928. Programa Comp.^a Cinematográfica de Portugal.

Palácio de Queluz. Documentário por A. C. de Macêdo.

Muito boa fotografia. Desta vez os «fondus» cortados para intercalar os letreiros são somente dois ou tres. É ocasião de reparar se o conselho dado na critica do Tivoli de 16-7-28 é ou não justo.

Fraquezas d'um sábio: Comédia bem urdida, com detalhes muito a caracter e situações felizes.

Warver Oland no Brady Jacob apresenta uma nova faceta do seu valor artistico, a cómica, em que se houve de maneira a agradar-nos por completo.

O galanzinho Paulo muito fraco

Tobelle Fairbanks na Izabel, muito aceitavel.

Fotografia muito aceitavel.

Os dois irmãos: Este filme tem a valorisa-lo a fotografia. É ela o melhor que ele tem. Ao assistirmos á sua passagem lembrou-nos, pela sua tecnica, o filme «Mestres cantores de Neuremberg», o primeiro que vimos com este genero de iluminação. Ela é distribuida com mestria e critério vindo as incidências de luz donde é natural que venham, não procurando efeitos artisticos mas sim lógicos.

Se ela entra por uma janela que está á direita, porque razão ha-de apparecer um contra-luz vindo das costas?

Acho mais artistico aquele processo por que é mais verdadeiro e

sendo assim mais facil de nos convencer, de nos integrar dentro de acção e do ambiente.

Um caso ha, que não posso, porque não devo, deixar passar em claro; é o facto de haverem cenas que nós não temos a certeza se elas se passam de dia ou de noite, sendo motivo para se dizer que: o que é de mais é moléstia.

A interpretação, que na generalidade nos agradou, tem certas particularidades que me desagradaram, por serem falsas, tais como: A luta entre os dois irmãos, e a travessia do rio.

Esta ultima especialmente está tão falha de verdade que não nos emociona, pelo contrario.

Os cenários muito apropriados.

O argumento muito moral, como, de resto, são quasi todos os grandes filmes alemães.

Tivoli, em 23-7-928.

Documentário: *Festejos do 1.º centenário da Independencia em Aveiro*, por Fernandes Tomás.

Interessantes aspectos dos cortejos fluvial e civico e exposição.

A fotografia boa.

Amor sem rumo: Assunto bem conduzido, um pouco moral e com bom desfecho

Encenação muito acertada e com bons efeitos.

Na interpretação, um bom conjunto.

Fotografia vulgar.

A prima Júlia: Comédia, agradável, cheia de situações felizes, que nos faz rir sem piedade.

Bebe Dauiels impagavel de comicidade.

Realização com exageros e alguns disparates inconcebiveis como seja o da jangaça quando Júlia é arrastada, pelo mesmo peixe, ora para traz, ora para a frente...

E umas luvas que se transformam em lenço, ficando tambem, como luvas, nas mãos do nosso heroi, ao levar com a esponja na cara? É sorte de prestidigitacao?!

Fotografia vulgar.

Odeon, 25-7-928. Programa Metro-Goldwyn.

Felicidade perdida: Assunto de emoções fortes e sem meninos bonitos. O seu realisador escolheu *Homens* para interpretar e uma mulher que não sendo bonita é uma grande artista: *Alice Joyce*.

A sua cara é um espelho de fino cristal, reflete com mestria invejavel, todos os sentimentos intimos numa pureza de expressões admiravel.

Os artistas que a acompanham, mantem-se galhardamente, dando um desempenho homogéneo.

A realização demonstra, na forma como os artistas actuam, uma mão de mestre que os domina arrancando-lhes expressões duma veracidade palpitante.

O início do filme, admiravelmente imaginado.

Ha dois erros na montagem dos letreiros. O primeiro que diz: *Algun tempo depois*. Não só está antes da devida altura como se me afigura absolutamente dispensavel.

O outro é caso para perguntar se é ele ou ela que diz: *Que diabo tem que ver o piano com o meu apetite?*

Se for posto depois, ou no meio do P. A. dele, fica melhor.

Na fotografia nota-se o abuso da iluminação em contra-luz, por vezes dos dois lados e com intensidade demasiada, noutras ocasiões é dura, e na parte final está toda densa.

Condes, 26-7-928.

Regresso inesperado: Mais aventuras do célebre Tom Mix e do seu cavallo *Malacara* e... tenho dito.

O Vaqueiro e a Condessa: No mesmo género mas com variantes de local de acção. Desta vez os cavalos, tambem correm na Europa onde existe um lindo palácio e um imponente castelo... dos mouros...

Tivemos uma condessa Justina de Verlain, que tem um papá engravado e um primo usurário que é o Duque de Milcy que quer casar com ela.

Um Luis Soler, que é quem casa.

Um empresário que é o cómico.

Uma dama de companhia da condessa, Nannette, que é danada para dar trela aos vaqueiros.

Desta vez os duques tratam de perto com vaqueiros.

Uma cena impagavel é a passada com Soler e Nannette que não conhecendo o idioma em que ele fala para se compreender desenha umas grades num cartaz ao que ele responde:

Diga-lhe que ananhã vou ter com ela.

Não acham graça?

E se isto fosse num filme feito por portugueses?...

Aurélio Rodrigues.

DE CINEMA

emendar e para de futuro quando alguém, animado duma vontade de ferro, emprender e levar a cabo algum filme português, não vá para os jornais onde escreve, em artigos derrotistas e demolidores, dizer mal, muito mal, sem respeito pelo capital dos outros, dum trabalho que tantos esforços custou.

* * *

Para que esse senhôr não julgue que eu só sei falar, declaro, desde já, prontificar-me a realizar a filmagem do bailado Rosas, Rosas... ou qualquer outro por ele já realizado, comprometendo-me a pagar todas as despesas inerentes, no caso de, na minha realização, não haver ritmo e o bailado não ser apresentado em toda a sua beleza coreográfica.

Tivoli, 10-7-928. Programa Paramount.

Paraizo para todos : Uma comédia leve que se vê com agrado.

A interpretação boa.

Betty Branson, uma carinha interessante, insinua-se com facilidade.

Richard Dix com correcção.

André Béranger, o mesmo que já vimos noutros filmes, um pouco exagerado.

Bõa fotografia, discordando da forma de focar a cena da porta do quarto que os processos modernos já não admitem.

Com o aperfeiçoamento que os aparelhos possuem, aquele desfoçado não tem razão de existir.

Este mundo é um teatro : Diz o programa que é uma alta comédia ; não sei porquê.

Gloria Swanson, a excelente interprete da histórica M. Sans Géne, merece um argumento e não um arremedo disso.

O esplendor dado á apresentação d'este filme quasi que não se justifica, tanto mais que accentua a pobreza do assunto e dos cenários onde a acção se desenvolve.

A interpretação, correcta por parte de todos os artistas.

Dois letreiros antagonicos. Um fala em escudos, outro em dolares. Qual das duas moedas ?

Fotografia vulgar.

Condes, 11-7-928. Programa Castelo Lopes, Ld.^a

Sonho e realidade : Nesta comédia, Mary Pickford mostra-nos uma faculdade de transformação que raros artistas possuem.

A sua interpretação, nas várias modalidades, satisfiz-nos por completo.

Há situações, d'uma comicidade por vezes exagerada, que nos fazem rir sem querer.

O desfecho é um pouco brusco e sem preparação que o letreiro não justifica suficientemente.

Fotografia regular.

Desforra : Não sei o motivo porque se classifica este filme de super-produção.

E assim, pergunto.

Que adjectivo se empregará para a «Hora Suprêma» ?

Desforra, sendo um filme com bastante dinâmica, não está á altura d'uma «super» e para justificar a minha opinião basta apontar alguns defeitos que são imperdoaveis em qualquer película que se nos apresenta como razoavel.

Esses erros notam-se, sobre tudo, na caracterização.

Com uma falta de observação imperdoavel, os personagens, entre os quais citarei Julian e Ana, têm as caras demasiadamente brancas, num contraste enorme com o resto do corpo.

Um erro imperdoavel é a falta de continuidade que apresenta a cena do suicídio da pequena indígena.

Ela vai atirar-se ao mar. O galã sai precipitadamente de casa para a salvar, e quando nós estamos á espera do complemento da cena, aparece o nosso heroi passeando na praia dando pontapés nas pedras como se nada tivesse sucedido...

O argumento não tem a finalidade moral que deve servir de base a todos os assuntos desta natureza dando-nos a impressão, que o

facto de matarmos os nossos semelhantes é tudo quanto ha de mais lógico e natural.

O amor filial, ou qualquer outro, não justifica nem atenua as culpas de um assassino, para o premiar com a felicidade que um amor de mulher lhe possa dar de futuro.

A fotografia dos G. P. de Ana, devido ao excesso de caracterização, apresenta alguns espelhados.

No entanto pode classificar-se de razoavel.

A interpretação, no conjunto, é muito equilibrada.

Oleon, 12-7-28. Programa Metro-Goldwyn Ma, er.

O Cigano Amador : Um filme que entretém. O argumento um pouco disparatado.

A fotografia não deve ser má se o positivo for bem feito. Assim, como está, é detestavel. Tem os mesmos planos com densidades diversas bastante consideraveis e em especial os dois planos americanos de Conrad Nagel na cena do escritório quando está junto á secretária.

O abuso do *flo* prejudica por vezes o trabalho dos interpretes.

A montagem acusa um letreiro fora do seu lugar.

Ha algumas cenas com saltos.

A passagem de P. G. para G. P. do orador no cemitério não está correcta devido ao tamanho inconcebível do papel em que está escrito o discurso o que não tem graça nenhuma.

A mãe adotiva : Este filme é . . . uma artista !

Bessie Love.

A sua personalidade apresenta-nos três nuances que ela soube viver e fazer-nos sentir.

Toda a sua interpretação é justa, tendo a cuoadjuva-la um conjunto de artistas com brilho.

A encenação, que por vezes tem exageros, pode classificar-se de boa.

A marcação da cena em que Mary procura o sobrinho está bem pensada e realisaða, comunicando-nos o alvoroço que vai na alma da pobre mãe adotiva.

A fotografia boa, mas convem notar que, na cena da morte, a passagem de P. G. para G. P., acusa, no segundo, uma iluminação em excesso que nada justifica.

Tivoli, 16-7-928. Programa da Companhia Cinematográfica de Portugal.

Documentário : Museu Nacional dos Coches. Reportagem de A. C. de Macêdo.

Bem fotografado ; e tendo em atenção as condições de luz com que contou (as naturais) poder-se-ia considerar um primôr.

Discordo da forma de montar os letreiros antes das fuzões (*Fondu*) que nestes casos são desnecessárias. E' preferivel o fechar ou abrir do obturador ou diafragma simples, o que nos dava, por certo, um trabalho mais correcto . . .

Antes que cases . . . Uma comédia em 6 partes, com boas situações e melhores interpretes

A realisação acusa bom gosto e proficiência apresentando-nos pormenores muito interessantes e cenas bem marcadas.

Ha na montagem um erro que a casa alugadora pode corrigir com facilidade. Quando Kalhrjn Perry, aluga a casa, ha uma cena em que ela vai da porta do quarto á janela ; essa passagem está inter-cetada por um P. A que está mal montado.

A fotografia com rascaveis efeitos de luz, mas os letreiros, estão todos eles densos e curtos.

O Arquiduque e a Dançarina : Dina Galha será fotogénica ?

Creio que não !

E' atraente ?

Juro que sim ! . . .

Como artista ?

Muito aceitavel ! Não é de grande folego. Não sabe chorar.

No entanto tem cenas que se podem classificar de muito bem feitas.

Albert Paulig é tudo !



CONFRONTEM OS NOSSOS PREÇOS E SORTIDO

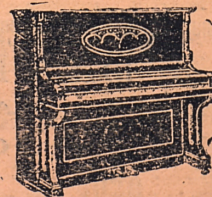
PIANOS DOS MELHORES AUTORES — INSTRUMENTOS PARA BANDA,
ORQUESTRA, TUNA E ACESSÓRIOS
GRAMOFONES E DISCOS EM TODOS OS GENEROS E TODAS AS MARCAS

SEMPRE NOVIDADES

OFICINA DE REPARAÇÕES DE PIANOS E AFINAÇÕES

CASA GOUVEIA MACHADO

152, RUA ALVES CORREIA, 152 (antiga rua de S. Jo é) — LISBOA



e sem respeito pelas suas memórias, o levem á tela com o simples motivo de nos fazer rir com o mal dos outros.

Abstraindo-nos deste ponto de partida direi :

O filme é interessante, tem passagens com bastante graça para o que concorrem os seus interpretes.

Na montagem ha alguns defeitos que a casa distribuidora pode corrigir e que passo a mencionar :

Na cena da limpêsa da rua, quando o soldado que tem a barrica ás costas está caído e o outro, deixando a francesinha, vem ter com êle e se torna a ir embora, ha um primeiro plano em que o apresentam junto d'êle.

Outro. Alguem que mexe junto do cavallo por debaixo do qual êles passaram anteriormente, não se justificando a sua desaparicação.

Um defeito é o das medalhas que êles levam no peito quando vão bater no fabricante de biscoitos e que, quando saem, não trazem, para de aí a momentos, quando estão na rua, as terem outra vez.

De resto direi que agrada e que como é comédia alguns exageros passam sem reparo.

A densa da Justiça : Acentua-se cada vez mais a necessidade urgente d'uma cinematografia nacional, em que os nossos costumes sejam contrapostos aos que os filmes americanos popularizam.

A liberdade que os filmes dessa procedência atribuem ás raparigas na América, só serve para extremar, numa rapidez vertiginosa, os nossos hábitos e costumes modificando-nos a personalidade da raça, encaminhando nos para um abismo de liberdades morais de que nada nos poderá salvar.

Na terra dos arranha-céus é vulgar e natural uma menina proceder da forma que Moira procede, mas se isso succeder em Portugal, nós, os homens, a quem essas liberdades agradam, somos os primeiros a pôr em dúvida a sua honestidade.

A cena do escritório, a do café, a da pomba . . . em que *ela* lhe dá o primeiro beijo, são bocados que não estão dentro da nossa índole, dos nossos preconceitos.

Ao falar da interpretação, que na generalidade se pode considerar de muito boa, começarei por destacar em primeiro lugar aquela Eileen tão completa de promenores, sintetizando toda a psicologia d'uma artista que na sua arte procura o esquecimento que é impossível.

O acender do cigarro, a forma de puxar as fumaças, de expelir o fumo, revelam, com uma simplicidade formidável, a luta tremenda que se está travando no seu espirito.

A sua expressão, duma sobriedade digna de elogio, comunica-nos todos os sentimentos íntimos, penetrando-nos até ao amago.

Faz-nos sofrer com ela. Sentimos, como ela, a grandêsa do sacrificio que o seu silencio lhe vai custar : A vida

Que realidade, que pureza de expressão ao contemplar, pela última vez, o retrato da sua tão querida filha ! . . .

E tantos, tantos outros bocados de ouro que a sua figura anima com um realismo insuperavel.

E êle ? O William ? O eis trabalhador tímido, que não pode adaptar-se, com facilidade, ao seu novo modo de vida ? Que estudo psicológico d'um caracter se revela nele !

Todos os promenores são exatos e se alguma coisa ha que mereça reparo não é pela falta de verdade mas sim um pouco, mas muito pouco, de exagero.

Moira, a filha caprichosa, habituada a fazer tudo o que quer e entende, é bem aquilo que nós temos visto em todos os filmes da América : *Quasi um homem* . . .

A fotografia, á excepção d'uma cena que tem luz em demasia, sem comtudo estar dura, é boa e com bons efeitos de luz.

A encenação muito bem cuidada não faltando o mais pequeno detalhe.

No desenvolver da acção parece-me um pouco forçada a vinda do advogado a casa de Moira, enquanto se espera a resolução do júri sobre a sentença. Se a sua leitura ficou para o dia seguinte está tudo muito certo, e é essa justificação que falta.

No *São Luiz Cine* em 9-7-928. Programa Raul Lopes Freire.

O Rei dos Avançados-Centro : Película de entredo e realização animadas.

Bom desempenho.

Vê-se com agrado.

Nas cenas do Stadium reside o melhor de toda a fita, quer fotograficamente quer como realisação.

Nas outras cenas anteriores, em especial nas realisadas em exteriores, a fotografia é, frequentemente dura, e as sombras causadas pela incidência do sol sobre os interpretes, não são esbaltadas pelos reflectores.

Bailando ao Sol : Uma noite, noite de inverno em que os «autos» fazem diarrapagens — vocalências sabem o que é diarrapar ? é assim como quem escorrega sem cair ! — pois foi numa noite dessas que eu subi o Chiado em companhia dum operadôr cinematográfico. Conversavamos, como é de supôr, sobre cinematografia.

Possibilidades de fazer e de não fazer. Qualidades e não qualidades e de repente diz o meu companheiro quasi á queima roupa :

«Gostava de vêr o *Retardadôr* fazer um filme. Tem obrigação de fazer bem quem se abalança a criticar da forma que êle o faz.»

Concordei e seguimos o nosso passeio.

Hôje, (como as coisas mudam ! . . .) vejo-me forçado a fazer a apreciação daquele que nós julgavamos um portento de conhecimentos cinematográficos e lembrando o dia da nossa conversa, confesso que preferia que o sr Retardadôr fôsse um dos «autos» que fazem diarrapagens mas não caiem . . .

O sr. António Ribeiro tem tremendas responsabilidades que a sua pena, como crítico, lhe impõe. E assim vejamos. Diz o srs. A. R, numa crítica ao filme *Fátima Milagrosa*, filme que foi interpretado por portugueses, que êstes eram uma *troupe ignorada e ignorante*.

Que quer que digam d'êle agora, que tem o arrôjo de nos apresentar um trabalho como é «Bailando ao Sol», filme que uma revista para onde êle escreve classifica de acontecimento de arte ?

Que quer que digam d'êle que escreve nessa mesma revista um artigo sobre as realidades e os simbolos em que nos diz :

Imaginação é a faculdade de criar imagens.

Cinema é a arte de combinar imagens.

Logo, o Cinema é uma arte puramente imaginativa . . .

E depois disto, que quer que digam d'êle ao apresentar-nos «Bailando ao Sol» senão que esse senhôr não tem imaginação, nem facultade de criar imagens, que não percebe da arte de combinar as mesmas e que não sabe o que é Cinema ?

Que quer que digam d'êle, que faz publicar, na primeira página dessa revista, uma fotografia, prova dum exhibitionismo cretino, em que se nos apresenta de *megafone* . . . e de cócoras. Que irrisão ! . . .

Sim ! Ele tem razão . . . aquilo só de cócoras é que podia ter sido feito . . .

Que falta de gosto !

Que falta de conhecimentos !

Que falta de técnica se demonstra naquela realisação tacanha e absurda !

E os angulos ?

E a continuidade ?

E a montagem ?

E o constante movimento da máquina, procurando os bailarinos ? E aquele *Kinamo* que, ao mover-se sobre o circulo formado pelas dançarinas, nos apresenta um movimento tão rápido que a obturação da máquina não consegue registar, dando-nos o mesmo objecto com três, quatro e cinco imagens ao mesmo tempo ?

E diz a mesma revista que o senhôr operadôr, que ainda não sabe fazer fotografia aceitavel, quer fazer fotografia em relêvo ! . . .

E é isto o que se classifica de primorosa fotografia e de acontecimento de arte ?

E, servindo-me das suas próprias palavras na crítica á «Fátima Milagrosa» :

Não é assim que se serve a religião, de que o filme se diz propagadôr, e, ainda muito menos, o Cinema Português.

Agora que êste senhôr se sente ferido pelas suas próprias palavras, e depois de pôsto á prova e conhecendo por experiência as inúmeras dificuldades que há para se realizar qualquer coisa em cinematografia, por mais insignificante que seja, é o momento de se

J DAVID D'ARAÚJO

ALFAIATE

ROCIO - 93, 3.º

TELEFON —



Agente exclusivo :

HORTA MACHADO

R. da Padaria, 47

LISBOA

Para inflamações, afecções, dores de garganta e ouvidos, queimaduras, feridas e picadas de insectos.